

Textos 2015-2019
Caio Bruno

2015-2019

Aqui há uma continuidade do período anterior, entretanto, com retorno a poesia e a incursão aos contos.

Caio Bruno

Saiba mais em: www.caiobruno.com.br

A triste foliã – Conto

(18/2/2015)

Apesar do chapéu estilo country entrelaçado por um pequeno colar havaiano e com a música carnavalesca cada vez mais alta que tocava por lá, ela não parecia muito feliz. Dançava, cantava, bebia e falava qualquer bobagem tentando demonstrar uma felicidade que os olhos negavam.

Ela, que não se sabe o nome, tinha um olhar triste, carregava aglomerada solidão e parecia vagar buscando alguma alegria ou tentando esquecer alguém do passado naquela multidão de pessoas que por ora esqueciam suas tristezas e problemas e viviam a ilusão do carnaval.

Era uma moça bonita e atraente. Chamava a atenção dos homens por sua beleza e corpo, mas ela negava, fugia, desdenhava e não queria conversa. Procurava ali naquele baile de carnaval a céu aberto a solução para seus problemas.

Ria aquele riso que denota certa melancolia, um certo desespero e no fundo não enganava ninguém, muito menos a ela mesmo. Se entorpecia, na tentativa de que a bebida transformasse as coisas e colorisse a vida.

Na multidão onde não há dono, ordem e às vezes nem bom senso, ela caiu no chão. Tropeçou. O mundo ao redor, as luzes da praça, as pessoas ignorando completamente sua existência, a cadência do samba confundindo-se com as batidas do coração e a bebedeira começando a cobrar o preço a fizeram se sentir pior do que antes. E chorou.

Por mais paradoxal que seja, pegou mais uma cerveja, acendeu um cigarro e parou de prestar a atenção no samba, nas pessoas, naquela alegria efêmera que se transformará na ressaca de amanhã. Começou a andar atrapalhando as danças e as coreografias dos foliões, a perambular em busca talvez dela mesmo.

Decidiu ir para a casa sozinha. Abandonou os amigos que a levaram para lá e que preferiram deixá-la sozinha enquanto se engalfinhavam em um matagal ali perto e pegou um táxi. Chegou em casa. Dormiu chorando.

Acordou sem se lembrar de muita coisa, a não ser da ressaca e de que precisava dar um jeito na vida. A serpentina e o confete não ajudaram, não será a quarta-feira de cinzas que vai.

Ucrânia, caixa amarela e ovos pintados - Crônica (27/2/2015)

Não estava nos meus melhores dias. Tanto que aproveitei a hora do almoço para passar na farmácia e comprar remédios e isso no meu caso é atípico já que passo longe de ser um hipocondríaco. O calor, o desconforto e a falta de ar condicionado do meu pobre carro me deixavam mais de mau humor do que já estava pela moléstia que me atingia. Portanto, a paciência estava baixa e ser abordado com conversa fiada não poderia ser uma boa ideia naquele momento.

O desconhecido surgiu enquanto eu tomava uma cápsula do remédio prosaicamente dentro do automóvel parado no estacionamento da drogaria. O rosto era de europeu do Leste, as roupas idem e quando começou a falar o seu português era limitadíssimo, daquele tipo que chega a ser angustiante ouvir pela dificuldade da pessoa em se expressar.

Portava uma caixinha amarela, no estilo baú, e se expressou dizendo que era um ucraniano recém chegado ao Brasil e que estudava turismo por essas bandas e que enquanto não dominava melhor o idioma se virava como podia vendendo artesanato típico da Ucrânia. Surpresa!

Ele abre a caixa e me apresenta diversas peças de ovos pintados (chamados por ele e por seus compatriotas de pêsanka) pratinhos e bonecas. Coisas muito bonitas mesmo, fiquei tentado a comprar. Pena estar sem uma moeda velha no bolso já que não tinha tirado dinheiro e, com certeza cartão ele não aceitava.

Como o português era sofrível perguntei se ele falava inglês. Diante da negativa, mas curioso pela humanidade que sou, perguntei algumas coisas básicas como o seu nome (que ele falou, mas não compreendi), há quanto tempo estava no Brasil (3 meses, segundo ele) e onde morava (São Paulo, que foi pronunciado como San Paúlo)

Papearia mais com o rapaz de seus 30 e poucos anos, porém a vida corre e o tempo voa, cobrando compromissos e não perdoando atrasos. Por isso, o cumprimentei e engatei a marcha indo embora. Ainda pude ver o nosso vendedor de artesanato mostrando o conteúdo da caixinha amarela para transeuntes na rua.

Tenho minhas dúvidas quanto ao seu sucesso. A selva de pedra é cinza e cruel. Não permite espaço para bonequinha pintada e pêsanka.

Eu quero, você quer. Nos desencontramos – Conto

(2/3/2015)

“Você é o cara certo, na hora errada”. Assim que ele ouviu essa frase entrou em parafuso. Amava a menina demais, um misto de platonismo e de realidade. A conheceu há um tempo, rolou um bom papo, uma sintonia daquelas que só existem por alguma conjunção astral e obras bem amarradas do destino. Cerveja, sono e tristeza embalaram a noite. E ficou por aí, ambos eram compromissados. Ele continuava o namoro por compaixão da namorada dependente, o caso contrário do dela que mesmo com o relacionamento degradingolando não conseguia dar o basta.

Saindo do bistrô francês em que estavam ele decidiu parar num bar qualquer, daqueles com pilhas de garrafas e pôsteres de times de futebol nos azulejos. A frase não saía da cabeça e ele foi refrescar a ideia com o álcool que, para ser comportado, não tomou ao lado dela no restaurante. Novamente sucumbiu a ideia da frase. O que ela quis dizer? Foi uma desculpa? Um delírio? Uma confusão? A hora não é a gente que faz? Se questionou, questionou ela e a sua sinceridade, por fim tomou mais uma dose e começou a falar de futebol com um solitário senhor ao lado.

Ela chegou em casa com a sensação de dever cumprido ou no mínimo postergado. A sua vida estava uma bagunça e ela realmente gostava do rapaz, mas começou a pensar em todo o trâmite que é o término de um relacionamento e o início de outro. O adeus, a última transa, o primeiro beijo, conhecer a família, ser a mulher ideal, a primeira transa, descobrir os defeitos e o sorriso na hora do choro para agradar. Por falar em choro, ela mantém há tempos um semblante triste e confuso, o brilho do olhar anda sumido. Ela não sabe o que quer, o que fazer e que rumo tomar.

A coisa nunca foi muito tranquila para eles. Em um encontro casual anterior, estiveram próximos de se entregarem. Ela estava com amigos, ele sozinho, como costumava fazer nas noites quentes dessa época do ano. Se cumprimentaram gentilmente, engataram uma longa conversa e ele sacou o que achava o às da manga. “Terminei meu namoro”. Três palavras mágicas, a senha para a felicidade.

O namorado dela não estava no local, pois viajava a trabalho. Naquele momento ela titubeou e sorriu. Tiro certo, se não fosse a moralidade inútil que prevalece sobre os sentimentos mais verdadeiros e nobres. A conversa continuou por meio da fria plataforma do computador. Ela não tirava ele da cabeça e vice-versa.

Saindo do bar e já levemente embriagado, foi para a casa concluindo que não existe a hora certa ou a hora errada, existe a hora feita pelas pessoas. Decidiu encarar o dilema de esquecê-la ou lutar por esse amor quase impossível pela garota confusa, cheia de problemas, mas doce, muito docemente amável e linda.

Resolveu ser o cara certo na hora certa. Seja qual hora for. Ela ficou essa noite deitada no quarto, tomando um whisky, ouvindo um rock de qualidade duvidosa e esperando a atitude certa a ser tomada por ele e por ela.

O terror das empregadas agora tem seu valor – Artigo (15/3/2015)

Jovens alternativos e descolados, gente humilde de todas as idades e senhoras e senhores saudosos dos velhos tempos. Esta miscelânea formou o público de Odair José em seu show da última sexta-feira (13/3) no Sesc Pompeia, em São Paulo, onde ele lançou seu novo disco “Dia 16” com uma pegada rock já refletida na formação de sua jovem banda (duas guitarras, baixo, bateria e teclado).

Um ícone trash, um ícone cult, um ícone brega, uma submúsica, um cantor de puteiro, um maldito, um subvalorizado, um cronista popular, um cantor de bêbados e outros personagens da noite. Defina Odair José como você quiser, mas com certeza você terá uma opinião sobre esse singular artista da MPB.

Com 45 anos de carreira, o goiano de Morrinhos teve o auge da sua carreira nos anos 70, onde emplacou diversos sucessos populares como “Esta Noite Você Vai Ter Que Ser Minha”, “Eu, Você e a Praça”, “Uma Lágrima” e as de vanguarda “Uma Vida Só” e “Eu Vou Tirar Você Desse Lugar”.

Odair nunca foi valorizado pela crítica e era rotulado jocosamente como o “terror das empregadas domésticas” na época, por fazer sucesso entre o público mais humilde.

De um Roberto Carlos genérico dos dois primeiros discos, Odair começou a se mostrar artisticamente como de fato era a partir de 1972, em seu terceiro disco, onde ia a fundo relatando temas comuns da sociedade brasileira popular da época. A pílula anticoncepcional, o desquite (na época ainda não havia divórcio), os problemas do dia a dia e até, veja só, a paixão de um homem de “bem” por uma prostituta. Outro ponto alto de sua carreira é o fracasso de vendas “O filho de José e Maria” (1977)”, uma ópera rock sobre o nascimento de Jesus Cristo.

Após décadas de ostracismo, Odair foi reabilitado e valorizado pela crítica e pelos mais jovens a partir dos anos 2000 com tributos indies e abrandamento dos sempre preconceituosos críticos musicais.

O show é vivo, frenético e bom. O cantor mostra que está em forma e antenado com o que acontece no mundo. É um artista popular, não mudou pelo reconhecimento tardio e nem deixou de lado o povo que o consagrou.

Após o fim do show atendeu a todos com autógrafos em seu novo álbum ou em velhos LPs e posou para fotos. Comigo, inclusive. Onde se travou o rápido diálogo abaixo, já que estava como fã e não jornalista.

“Odair, seu show foi foda só faltou uma música”

“Qual? A da Pílula?”

“Não. Faltou Vida que não para”

“Pô, você conhece essa música? É de 1972 e nunca cantei ao vivo, acho.”

“Conheci ela no musical que fizeram sobre sua obra no CCBB ano passado”

“Legal, rapaz. É a sua preferida?”

“Não. A que eu mais gosto é “Eu Vou Tirar Você desse Lugar”

“Você já se apaixonou por uma puta também?”

“Não é que eu acho revolucionário você ter falado disso em 1972 naquele clima todo”

“É, foi barra. Eu fui o artista que teve mais música censurada. Mas fazia parte”

Abraço, pose para a foto e ponto final. Odair José é mais um desses artistas que não valorizamos como se deveria.

Aproveitem, ele ainda está vivo e na ativa.

A carta – Conto

(24/3/15)

Antes de qualquer coisa, é isso mesmo que você está pensando. Uma carta. Algo tão raro hoje em dia e é de amor, de bons sentimentos, de coisa boa. O que a torna mais rara ainda. É impressionante como as palavras e os gestos estão desaparecendo. Eu estou preocupado com você, com sua máscara, com seu comportamento. Isso de “eu não sei”, “sei lá”, “agora eu estou ocupada” é para esconder algo que não sei bem o que é e nem você sabe.

Sinto cada dia mais um muro intransponível entre nós. Além de grande e bem firmado, é daqueles que dá medo de subir para ver o outro lado e cada dia que passa parece que ele cresce mais.

Eu te amo, você sabe disso, e acredito que no fim das contas você também me ama, mas não deixa isso transparecer, não quer correr o risco e não quer se permitir. Sabe o que é o pior de tudo isso? Você não deixa eu te amar, nem mesmo do meu jeito. Quietamente, distante, cuidando, olhando.

O que acontece que você não encara meu olhar quando conversamos pessoalmente? Disfarça, vira o copo de uma só vez, mexe no cabelo e no celular, sempre fugindo de mim e no fundo de você.

Olha, eu não queria te dizer isso, mas acho que você está perdendo vida. Sabe a história do cavalo selado, da porta aberta, do trem que passa? É, e você não aproveita. Sinto que você está num círculo vicioso e sem fim, a história sempre terminando e começando. Uma pena.

Você é tão bonita e tão interessante. E cá, entre nós, você sabe disso. Qual é esse lance de ficar se destruindo, entrando em parafusos desnecessários e vender uma imagem que não corresponde com a verdade?

Quando te encontrei em uma daquelas lojas mal iluminadas que a gente frequenta pra mostrar pros outros o quanto somos descolados e modernos. O sorriso estava lindo, claro, mas forçado. Está nítido que você não quer mais viver assim. E eu não posso fazer nada, porque você não quer que eu faça

.

Outro dia sonhei contigo. Linda em um vestido azul, cercada de natureza, piscina, árvores, cama, cachorro. A leveza que você trazia no andar e no olhar era completamente sublime. Onde anda isso? Já passei da fase do desespero, do “me dá uma chance”, hoje eu só fico quieto. O meu silêncio nos aproxima, pelo menos, em pensamento.

Eu não vou enviar essa carta. No fim das contas, eu não vou fazer nada com ela. Vou escrever no caderno verde claro que contém àquelas velhas poesias que eu fazia para você, te mostrava e a gente ria. E vai ficar guardada lá.

Você é passado? – Conto

(24/4/2015)

Demorou muito, mas você passou. Como uma daquelas gripes chatas que costumam acabar ou uma fase que teima em não ir embora, mas você foi. Página virada e jogo adiante. A sensação é mista de alívio, compaixão e angústia.

O que eu vou fazer agora? Mesmo uma parte de mim querendo que você sumisse, desaparecesse da minha cabeça, outra parte se acostumou com seu jogo, seu sorriso fácil e sua estratégia sempre de me levar para onde quiser.

Vou sair por aí, tentar entender o que se passou. Andar nos lugares que sei que não vou te encontrar. A solidão é necessária, mesmo eu não querendo que fosse assim. Pretendo não lhe encontrar, porque caso te veja eu vou querer conversar, vou ceder e é preciso ser forte. Dar um jeito.

Você passou porque quis. Eu sempre estive em cada local, em cada sonho, em cada esquina e em cada conversa fiada jogada fora no pensamento. Você não viu ou eu que não me fiz ser visto?

Vai. Seja feliz. Segue o seu rumo. Não vou te atrapalhar, mas não me atrapalhe. Não venha atrás de mim com sua beleza, seu olhar e seu amor. Eu tenho cicatrizes e medo de cair.

Além do mais, tenho dúvidas se você realmente é passado.

Uma- Poesia

(17/5/2015)

Uma cerveja

Um ponto

Um pito

A solidão

Uma ciência

Um problema

Uma propriedade

A paixão

Uma certeza

Um pai

Um poste

A exclusão

Uma caminhada

Um partido

Um par

A liquidação

Uma cisão

Um precipício

Um preâmbulo

A manipulação

Uma caverna

Um posto

Um pingo

A implosão

Uma caserna

Um pátio

Um pária

Uma deserção

Uma casa

Um pranto

Um prato

Uma emoção

Uma cegueira

Um participante

Um pulha

Uma explosão

Uma colombina

Um professor

Um púlpito

Uma encenação

O Brasil regrediu; resistir é preciso – Artigo (27/6/2015)

Sou heterossexual, branco, agnóstico, paulista e da América do Sul. Não vejo superioridade e nem demérito em nenhum desses rótulos. Posto (do verbo colocar) isso, devo dizer: nunca entendi o porquê de preconceito algum. Seja ele qual for.

A decisão histórica da Suprema Corte dos Estados Unidos que no dia 26 de junho de 2015 derrubou vetos estaduais e na prática legalizou a união entre pessoas do mesmo sexo deve ser comemorada por todas as pessoas que prezam pelas liberdades individuais. É uma conquista óbvia e que deveria ser encarada com a maior naturalidade, mas infelizmente não é.

O fato de milhares de brasileiros externarem seu apoio à decisão americana colorindo suas fotos nas redes sociais mostra que estamos resistindo, mas também nos escancara uma triste realidade em nosso país: regredimos e muito no debate e nos direitos da população LGBT e outras minorias.

Explico: a decisão americana vem com quatro anos de atraso perante a do Supremo Tribunal Federal, que em 2011, reconheceu a equiparação entre união hetero e homossexual. Feito histórico e admirável. Naquele instante, o Brasil caminhava para a ampliação dos direitos e das políticas públicas para minorias. Era o que todos pensavam, inclusive eu.

Acontece que depois disso, vieram as manifestações “espontâneas” de 2013, a ascensão meteórica do conservadorismo, o ódio aumentou, a homofobia disparou e tudo isso quase culminou na vitória dessa turma nas eleições de 2014. Uma meia vitória eles conquistaram com a proliferação da intolerância, do Congresso mais conservador da história com seus Cunhas, Bolsonaros e Felicianos.

Esta escalada que beira o fascismo barrou tudo que diz respeito ao assunto no Brasil. E pior: regredimos. Hoje o país vive um clima sangrento de caça às bruxas e de intolerância de todas as espécies. São as trevas para o progresso. Querem cercear o livre direito de expressar sua opinião e opção sexual, criminalizar movimentos sociais e até culpá-los pelos crimes que eles mesmo fazem (alô alô Cristofobia).

O ato de demonstrar publicamente seu apoio à decisão dos EUA não tem nada de complexo de vira lata e nem de lacaio do império. É um gesto simbólico de resistência contra a enorme onda conservadora fascista, homofóbica e racista que lamentavelmente há no Brasil.

Não seja um fiscal da vida alheia. Semeie o respeito, o amor e a tolerância. Fique bem com si mesmo e com o seu país. Resistir a essa onda é preciso.

Um planeta prestes a explodir – Poesia (13/7/2015)

Um planeta prestes a explodir

Um redemoinho a todo vapor

Um limite já ultrapassado

Uma gota secando

Um grão proliferando

Um planeta que já não aguenta mais

Um inocente sucumbe

Um anjo abandona a vida

Uma esperança cada vez mais perdida

Um cenário desolador

Um planeta pede socorro

Um irmão sendo ignorado

Um rio poluído

Uma tonelada de fumaça no ar

Um míssil que cai

Um planeta chorando

Um ódio disseminado

Um crime à toa

Uma injustiça feita

Um olhar perdido

Um planeta à beira da morte

Um dissimulado convite

Um corpo no chão

Uma lágrima a mais

Um martírio consciente

Uma explosão

Esfinge – Poesia

(25/7/2015)

Não quero te decifrar

Não consigo

Nem tento

Apenas te quero aqui e agora

Vou buscar segredos?

Cavocar mistérios?

Tentar entender o que ninguém entende?

Para quê?

Apenas me detone

Me confunda com seus gestos

Me derrube com seu olhar

Me enlouqueça nos movimentos

Te aceito assim mesmo

Faça o teatro que quiser

Dance a música que tocar

Apronte o escândalo que for

Me envenene, mas que seja sem dor

Continue fugindo de mim
Eu não sei seus planos
E não vou nunca adivinhar
Forje meu sequestro e não vou te questionar

Apronte, monte, pise, escarre
Esbofeteie, queime, absorva, esfregue
Provoque, ame, hipnotize, destrua
Aprisiona-me em sua cela
Eu nada vou fazer

Meu enigma
Minha esfinge
Minha loucura

Nelson Piquet e a emotividade brasileira – Artigo (29/8/2015)

Tal qual na religião e nas crenças políticas e sociais, no esporte o Brasil também tem seus momentos de ecumenismo, o que é natural. O país é do futebol e esse título ninguém tira, mesmo com corrupção, cartolagem e goleadas homéricas sofridas pela seleção em semifinais de Copa do Mundo. De vez em quando, entretanto, surge um boom de outro esporte.

É assim com o MMA (para aqueles que consideram isso um, eu não me incluo nessa), o vôlei, ginástica artística e o automobilismo, mais precisamente a Fórmula 1. Mesmo não sendo praticado por quase ninguém devido ao alto valor dos custos, a Fórmula 1 cativou os brasileiros ao aliar competição com carros, duas paixões dos brasileiros.

O Brasil é o terceiro país com maior número de títulos conquistados na categoria. Oito. Quem abriu a porteira foi Emerson Fittipaldi em 1972 e 1974 e o auge do esporte no Brasil foi com Ayrton Senna e seus três títulos (1988, 1990 e 1991), um herói nacional que nos deixou fatidicamente em 1º de maio de 1994, no GP de San Marino.

Porém, antes de Senna ser tri, Nelson Piquet, um carioca de personalidade forte, também conquistou trinca de títulos mundiais em 1981, 1983 e 1987 e quase nunca é reconhecido como se deve.

Ao contrário de Senna, o bom moço, bonzinho e elevado a status de semideus brasileiro graças às históricas narrações de Galvão Bueno nas manhãs de domingo globais, Piquet nunca fez questão de entrar no status quo da mídia e de falar o que as pessoas queriam ouvir. Era um habilidoso piloto, um dos maiores da Fórmula 1 se preocupava somente com isso e com ganhar dinheiro, como disse certa vez em entrevista.

Senna, Fittipaldi e todos os outros também só pensavam nessas duas coisas, mas sabiam fazer o jogo de cena melhor. Chico Buarque em uma de suas canções disse que nós herdamos dos portugueses uma boa dose de lirismo. Vou além, herdamos uma melancolia, um lado emotivo muito forte em que vale mais parecer ser, do que realmente ser. Por isso Piquet não é valorizado como se deve. Ele não é o brasileiro que o povo gosta de ver no espelho.

O esforçado, bonzinho e batalhador padrão. Ele passava a imagem de forte, autossuficiente e racional.

Analisando friamente no papel Nelson Piquet é maior que Fittipaldi e igual à Senna. Precisamos colocá-lo em seu lugar. A justiça histórica e os deuses do esporte agradecem.

Latino-americanos com orgulho – Artigo

(10/1/2016)

Além de “adormecido”, o Brasil é também um gigante solitário. Talvez pelo idioma diferenciado que possui em relação aos vizinhos, o país tem pouquíssima identidade, simbiose e troca de experiências com as outras nações que formam a América Latina, toda ela exceto Brasil, Guianas e Suriname, colonizadas pela Espanha. Nem é por arrogância ou desprezo, mas infelizmente nós não nos reconhecemos como latino-americano e/ou como sul-americano. Somos uma espécie de povo jogado em miscigenações e misturas culturais que vive na solidão do país-continente que sozinho responde por 50% do território da América do Sul.

Infelizmente não há por parte do governo e da sociedade um desejo de maior intercâmbio e integração com nossos vizinhos, sempre vistos como países fracos e estereotipados. Há quem diga - e com certa razão - que eles nos veem como uma potência imperialista. Pode ser, mas é uma imagem que o Brasil, com seu desprezo histórico, fez questão de propagar mesmo que involuntariamente.

Deveria haver menos complexo de vira lata e síndrome de Estocolmo com a Europa e os Estados Unidos e mais aproximação com nossos irmãos. Todos nós fomos/somos povos explorados. Dizimaram civilizações inteiras que aqui habitavam na era pré-colombiana, tivemos riquezas naturais exploradas e subtraídas ao limite e sofremos até hoje as consequências da colonização desenfreada e pífia a qual fomos submetidos.

Se essa nossa origem em comum não for motivo para um maior orgulho, que tal falarmos da cultura, das áreas em comum, das belezas e também das questões econômicas? Recomendo a todos que moram ou estejam de passagem por São Paulo que dê uma passada no Memorial da América Latina. Lá, em uma exposição permanente, temos adereços, roupas e artefatos históricos de cada país latino-americano.

É impressionante a riqueza e a semelhança de cultura e história. Seja pelo catolicismo, rituais indígenas, festas pagãs ou influência ibérica.

Somos países jovens e por isso mesmo ainda é tempo para batermos no peito e dizer com orgulho, aquilo que Milton Nascimento disse em 1970 na linda música “Para Lennon e McCartney” (Fernando Brant, Márcio Borges e Lô Borges): “Eu sou da América do Sul. Eu sei, vocês não vão saber”.

Beijo ao Gordo – Artigo

(23/2/2016)

Não foi de toda surpresa o anúncio da última segunda-feira (21/2) de que a Rede Globo este ano irá apresentar a derradeira temporada do “Programa do Jô”, o pioneiro talk show comandando por Jô Soares, um dos mais talentosos brasileiros surgidos em nosso showbiz. Já há alguns anos com certo cansaço da fórmula, surgimento de concorrência e mais recentemente com alguns problemas de saúde e de perdas de familiares, Jô demonstrava que talvez era hora de mudar de ares. Aposentar jamais!

A carismática e intelectual presença do gordo e de seu programa de entrevistas fará falta na TV. Pioneiro nesse formato, sua atração sairá do ar após vitorioso ciclo de 28 anos no ar (12 no SBT e 16 na Globo) e deixará um legado imponente para quem quer que seja que veio e virá depois dele. Sempre vai ser um patamar e uma referência. Lembro-me de assistir ao então “Jô Onze e Meia” nos anos 90 e me deliciar com as entrevistas. Era um pré-adolescente que já ansiava por ser jornalista. Se passavam os anos FHC, Maluf prefeito de São Paulo, fenômeno Mamonas Assassinas e o programa capitaneava toda a ordem política, social e artística de então sem preconceitos e com espaço amplo.

A ida para a Globo tirou pouco a pouco a importância da atração. Não sei se foi a internet, a linha editorial ou o apresentador que foi mudando, o fato é que o trem da história chamado tempo atropelou o “Programa do Jô”. É assim a vida. Somos peças completamente substituíveis. O novo sempre vem, como disse sabiamente Belchior. Diferente, melhor ou pior, mas vem.

O que não podemos esquecer nunca é a importância de José Eugênio Soares na vida cultural brasileira. Na TV desde o começo dos anos 60, foi desde jovem um talento destacado. Conheceu o estrelato sendo o mordomo Gordon do histórico Família Trapo (1967-1969) da TV Record, onde além de atuar era o autor do texto, assim como também era de vários outros programas da era de ouro da emissora paulista.

Em 1970 foi contratado pela Rede Globo, criando atrações humorísticas de vanguarda como “Faça Humor, Não Faça Guerra” (1970), “Satiricom (1974) e “Planeta dos Homens” (1977).

Nos anos 80 ganhou seu primeiro programa solo, o “Viva o Gordo” (1981), quando popularizou alguns degraus do seu humor e conseguiu a consagração como um dos maiores e mais populares humoristas do Brasil ao lado de Chico Anysio e Renato Aragão.

Não bastasse isso trouxe para o Brasil em 1988, já pelo SBT, o formato de talk show. Jô está cravado na história como um dos grandes humoristas do país e pioneiro em formato de programas de entrevistas, além claro, de ser escritor, ator e intelectual de mão cheia.

O tempo e a efemeridade da vida, esses malditos, não perdoam. Por isso mesmo, o último ano do “Programa do Jô” tem que ser magistral. Para dar aquele gosto de “quero mais”. No fim e ao cabo sempre teremos de alguma forma Jô Soares.

Uma droga chamada paixão platônica – Crônica (10/4/2016)

“Quem que nunca teve a oportunidade de experimentar e de se enlouquecer com ela? Quem que nunca projetou todos os seus sonhos de vida e de felicidade em uma pessoa que mal sabe que você existe? Quem que nunca usou essa droga chamada amor platônico?”, as perguntas acima foram extraídas do filme “A Bruta Flor do Querer”, ótima produção semi-independente de cineastas paulistanos em cartaz em São Paulo.

A pergunta ressoa em minha cabeça como um questionamento severo e forte. “Quem nunca? Quem sempre?”. Sou um tanto catedrático no assunto. Já tive várias paixões platônicas e só agora, talvez, consegui buscar explicação para isso.

Acredito que este tipo de atração é algo que condiz com nossos tempos atuais. Modernos, frios, imediatistas e que nos leva a ser extremamente exigentes com nós mesmos. Não podemos ser fracos, carentes, demonstrar medo, insegurança e anseios. Precisamos ser sempre bem resolvidos, bem sucedidos, respeitados, fortes e termos alguém.

A paixão platônica serve de início para abafar esse clamor da sociedade (e que por consequência interno). O esquema não difere muito. Eu conheço alguém, crio uma ligação com ela, ela (ou ele) sabe quem eu sou de alguma forma, me deu mole, vou chegar, não vou chegar, está no papo, desencanei.

É um falso preenchimento e uma doce ilusão. O roteirista do filme foi certo ao chamar a paixão platônica de droga. O efeito é o mesmo. Viciante, enganadora, eufórica e depois, você se torna vítima do próprio monstro que criou em sua cabeça, e vai ao fundo do poço.

A fossa. Depois de um pouco mais de três décadas de vida, estou livre dos amores platônicos. Hoje uso os que passaram como experiência de vida, aprendizado e, por vezes, quando quero buscar inspiração para textos.

Mas atenção! Como toda droga, pode haver recaída a qualquer momento. A vigilância é eterna.

Por um mundo com mais respeito - Crônica

(22/5/2016)

Neste sábado chuvoso, frio, nublado e estranho, mas com uma ponta de beleza, assim como os tempos atuais do país fui parado por dois jovens em São Paulo enquanto flanava na Praça Benedito Calixto, um dos pontos alternativos e culturais da capital: “Meu amigo, me perdoe a abordagem, mas para você o que falta na humanidade?”

Perguntas genéricas vindas de estranhos podem merecer respostas evasivas, mas ando cansado de superficialidade, de falsidade, de pouco se importar com o mundo e com as pessoas ao redor. Matei a questão com um conceito de uma palavra só e explicação sucinta.

“Respeito. Sempre faltou e é causadora de muitos males”. Eles concordaram comigo e continuei:

“Falta respeito a tudo. Não conseguimos respeitar o semelhante. É uma incompetência sem tamanho. Não se tem respeito à cor, à opção sexual, à religião ou a ausência dela, às opiniões, aos momentos, sentimentos, posições políticas, gostos culturais, ao tempo de cada um, ao espaço, a natureza, ao Planeta a absolutamente nada. É tão difícil?”.

Conversa encerrada, continuo perambulando pela praça entre discos de vinil, artesanatos diversos e um grupo de chorinho tocando em um espaço cercado por barracas de pastel e de culinária portuguesa.

A pergunta que fiz ressoa dentro de mim: É tão difícil? Por que em nossa triste história humana sempre temos de humilhar, subjugar, destruir, inferiorizar o semelhante para nos empoderar e fortalecer? A humanidade não deu muito certo, isso é óbvio, mas isso é realmente necessário? O que nos custa estender a mão, sorrir mais e até silenciar quando uma opinião ou algo não lhe agrada? É mais fácil o ataque, a ofensa e o desmerecimento?

São muitas perguntas e as respostas estão aí a olho nu para todas elas: interesses variados, orgulho, ego, sadismo, sociopatia, dinheiro, vaidade etc

Os meus trinta e um anos de idade já deram há tempos a plena ciência de que não mudarei o mundo e nem as pessoas, mas isso não me impede e nunca me impedirá de evoluir, fazer o que é certo e questionar todas as feridas do planeta. Viva o respeito a tudo e a todos! Sempre!

Meu coração – Poesia

(21/6/2016)

Meu coração bate desesperado
Contando no sangue o pulso da vida
Meu coração é selvagem, é puro e é cansado
Vive querendo uma calma que nunca consegue obter

Meu coração quer laçar você de qualquer jeito
Pelo avesso, dividida, da forma que for
É carente e é autossuficiente
Não quer morrer e busca viver

Meu coração é sensível aos apelos
Abraça os desejos
Não sabe conter os ímpetos
E chora por isso

Meu coração bate por bater
Sabe que ninguém vai aparecer
Mas vive a esperar e me faz tomar iniciativas
Que não darão em nada

Ainda – Poesia

(27/6/2016)

O algodão branco ainda é colhido por mãos negras

Mãos calejadas, suadas, sofridas

O morto pela polícia ainda está na periferia

Sem rosto, sem nome, sem culpa

A criança sem escola ainda é a pobre

Oportunidades perdidas, futuro incerto

O sofrimento mais duro ainda é do trabalhador

Desemprego, sem direitos e exaustão

As mulheres ainda têm que se virar para não apanhar e serem respeitadas

Agressões físicas, morais, ofensas e pavor

Os bêbados ainda estão brigando na porta do bar Quebradeira,
choro e arrependimento

O governo ainda nos engana e finge que nos ouve

Troca de voto, de favor e quebra-galho

Os amigos ainda estão jurando amizade eterna em volta do
copo

Dinheiro, sexo e poder atravessam o sonho

A paz e o amor ainda dizem que vão vencer

As bombas, o ódio e o ego os calam

O Brasil ainda é o país do futuro

E ele nunca veio, nunca vem e nunca virá

Nós ainda sonhamos e nossos olhos brilham

Realidade, sociedade nos dão o balde de água fria

Nada mudou, nada muda, nada mudará

Se alguém tentar uma mudança pequenina que seja não durará

“Bom mesmo é ser feliz e mais nada” - Conto

(23/8/2016)

Nunca passou pela cabeça dela sair correndo atrás de uma companhia como tantas pessoas fazem em sua idade e em qualquer idade. Não entendia qual era a necessidade de ficar caçando feito um animal que busca o alimento para sobreviver em qualquer evento social, parque, clube, shopping, uma companhia que lhe proporcionasse cama e um pouco de carinho, talvez.

Para ela, essa atitude desesperada que tantas pessoas tinham, passava o recibo da solidão. Da incompetência, da impotência de alguém em ser completo por si mesmo. Isso, seus amigos diziam, era um pouco de teimosia e também mecanismo de defesa para esconder suas carências.

Como todo mundo, queria ter alguém, mas não poderia ser qualquer um. Tinha que ser o cara ideal. Que batesse 100% o santo, a mente e o corpo e que gostasse das mesmas coisas que ela. Basicamente política e alta cultura. Chovia um pouco na terra da garoa em uma tarde qualquer em que ela estava no seu reduto preferido: uma livraria.

Como todo mundo, queria ter alguém, mas não poderia ser qualquer um. Tinha que ser o cara ideal. Que batesse 100% o santo, a mente e o corpo e que gostasse das mesmas coisas que ela. Basicamente política e alta cultura.

Chovia um pouco na terra da garoa em uma tarde qualquer em que ela estava no seu reduto preferido: uma livraria. Gostava muito das do centro da cidade que com aquele ar retrô misturado às cores berrantes dos novos tempos, passava uma sensação de vida atemporal nos costumes.

Estava na seção dos clássicos, queria ler algo do Schopenhauer que uma amiga lhe recomendou e ela, de forma falha, ainda não conhecia bem. Quando trombou com um rapaz, que olhando fixamente para o seu celular não a viu. Pedidos de desculpas e a vida continua. Ele ficou com ela na cabeça e vice-versa. Eram dados a platonismos.

Dois ou três dias depois se encontraram no café de um cinema que mescla filmes europeus com os hollywoodianos. O sujeito estava lá para assistir um blockbuster qualquer cheio de baboseira e ela, um novo francês recém-estreado.

A força e a segurança de um contrastava com o desleixo e a falta de sisudez do outro e isso por incrível que pareça se tornou um imã. Por essas obras do destino, só haviam dois lugares livres no balcão. Sentaram neles e engataram uma protocolar conversa quando ele percebeu que ela tomava café descafeinado.

- Jurava que era o único na face da terra que tomava café sem cafeína. Acho um horror.

- Se acha um horror porque toma então?

- Ah sim. - E você?

- Eu o quê?

- Por que toma café descafeinado?

- Porque eu gosto – e sacou o guia do cinema para delicadamente encerrar o assunto.

O rapaz resolveu tentar engatar outros assuntos e desarmando lentamente o escudo dela. Falaram da cidade, dos cachorrinhos, das flores, da nossa eterna crise econômica e até de música. E discordavam em tudo.

Atração simples, sem explicação, de ambos os lados, mas eram como água e óleo, opostos totais. Se um fosse corinthiano o outro seria palmeirense, um de esquerda, outro de direita e por aí vai. Deixaram-se perder o horário do filme para continuar o papo. Começou a ser uma questão de competição, admiração e desejo.

Quanto mais divergiam, mais seus corações abriam a guarda. Ela tentou ir embora, ele não deixou. Acertaram de ir num bar que tocava música brasileira, para desgosto completo do garotão que gostava mesmo era de um bom e já não tão novo eletrônico.

Fumaça, televisão, geladeiras repletas de cervejas e de repete toca uma música dos anos 60 que ele já ouvira em algum canto e que ela adorava como boa cult que era. Se beijam, se amam e se completam tendo como testemunhas luzes e estranhos. Gargalhando abraçados, ele comenta.

- Mal te conheço, discordamos em tudo e no entanto não consigo mais fugir de você e dessa loucura. Como pode?

- Nada disso importa. Vem cá e esquece essas neuras idiotas.
Fomos contemplados.

Voltam a se beijar e a música continua rolando no fundo justo no trecho que diz.

“E quando a gente ama pra valer, bom mesmo é ser feliz e mais nada”.

Olímpico – Crônica

(24/8/2016)

Posso colocar no meu currículo que cobri de certa forma os Jogos Olímpicos 2016 que foram realizados de 5 a 21 de agosto no Rio de Janeiro. Foi um momento histórico e mesmo não estando na Cidade Maravilhosa, participei do evento à distância, ora trabalhando e ora torcendo.

Explico: como jornalista da Secretaria Municipal de Esporte e Turismo de São Caetano do Sul tive contato com atletas da cidade e estrangeiros que treinaram em nossos clubes para as Olimpíadas o que proporcionou momentos de interação e deu para sentir um pouquinho do clima da maior atração esportiva mundial.

Entrevistei a poderosa delegação russa de natação, que mesmo desfalcada, continua sendo uma das principais potências desde os tempos da Guerra Fria. Sua preparação e pontualidade são exemplares. Me surpreendi com o carinho, contrastando com a fama de frios.

Falei com um atleta da Estônia que treinou arremesso de peso. Seu técnico, também estoniano, competiu na mesma modalidade nos jogos de Atlanta (1996) E levei um papo com dois atletas da nossa vizinha Argentina. O ar blasé e pseudo europeu dos hermanos realmente existe. Por vezes.

São Caetano enviou 29 atletas para o Rio, conversei com boa parte deles e pude entender o quanto é importante a participação neste evento. É uma vida inteira de preparação para algo que acontece só de 4 em 4 anos e mesmo assim é tudo ou nada em questão de segundos. Somos humanos, no momento decisivo podemos estar em um dia ruim, o corpo não responder e aí tudo vai por água abaixo.

Por falar em água, dos que eu entrevistei quero destacar aqui dois atletas que mostram bem o que falei no parágrafo acima. Os nadadores Marcelo Acosta, de El Salvador e Johnny Perez ,da República Dominicana.

Ambos vieram por conta, únicos representantes de seus países na natação olímpica e eram treinados por um italiano residente nos EUA. Não haviam conseguido o índice para estar nos Jogos, portanto eram convidados pelo Comitê.

Eu vi a tocha. Toquei nela. Ajudei na organização da passagem dela por São Caetano. Festa única, movimentando toda uma população. Ritual, estrutura e alegria. Coisas inesquecíveis.

Fui um mero telespectador também. Me emocionei com o 14 Bis, com toda aquela coisa clichê de carnaval, samba e Cristo Redentor e com a delegação do Brasil.

Torci pelas meninas do futebol, me emputecei com Neymar e companhia, mas depois celebrei o ouro inédito. Vi Isaquias, Braz e Rafaela surpreendendo o país e não acreditei no que via com os monstros Bolt e Phelps.

É, eu fui olímpico como nunca.

Minha Alma - Poesia

(11/10/2016)

Minha alma inquieta
Deixa-me desconfortável
Nos ritmos do mundo
No tilintar das moedas

No andar dos relógios
Nos cartões batidos na máquina
Nas obrigações sociais
No sorriso frio

Minha alma humana
Não me deixa entender
Os ritos estabelecidos
A hostilidade diária

O pulsar sôfrego
A chance perdida
O medo de amar
A tristeza generalizada

Minha alma é quente
É viva e é batalhadora
Tenta se estabilizar
Se defender

Ser feliz
Ser justa
Ser leve
Ser eu.

Cruz de Ouro – Conto

(16/10/2016)

Antigamente chamavam de marreteiro, no Rio de Janeiro e em outras localidades se diz “biscate”, a palavra atemporal mesmo para definir o que Cruz de Ouro faz é camelô. Mais do que isso: é cambalacho mesmo.

Aos 82 anos de muita malandragem, detenção para averiguação e conversa mole, esse senhor que muita gente confunde com um simples aposentado que joga seu dominó aos domingos, dá expediente na Praça da Sé há 70 anos. “É uma vida inteira e ainda tem fogo nessa brasa”, ele diz sorrindo mostrando seu dente de ouro, um dos poucos que possui na boca e que faz jus ao apelido.

Conheci o seu Cruz por acaso em um dia que resolvi (olha só!) turistar por aquelas bandas. Pedidos de dinheiro, comida, tiro e trambique justamente quando saía do Pátio do Colégio e ia em direção ao metrô. Estava esperando o semáforo de pedestres abrir quando um idoso com uma placa enorme escrito “Cruz de Ouro – Serviços” me abordou.

- Boa tarde.
- Boa.
- O senhor gostaria de conhecer os meus serviços? Precisa de um novo RG, Atestado Médico, cadastro da Receita Federal. Tudo na hora! Menos o óbito que demora duas horinhas.
- Oi?
- É isso mesmo. A gente sempre precisa de uma salvaguarda né meu amigo. Não quer não?
- Não querido, muito obrigado.

E ia me dirigindo à estação do metrô.

- Pô, parceiro. Se souber de algum freguês me avisa aí.

Chocado não fiquei, mas confesso que achei até engraçado a cara de pau do sujeito me oferecer documentos ilegais como se oferece um sorvete ou um pastel. O pior é que o danado era carismático e eu com meu coração de manteiga derretida, principalmente por velhinhos e velhinhas, comecei a me sensibilizar com aquele franzino senhor.

O que será da vida dele?

Tem família?

Por que precisa se sujeitar a isso?

Dei meia volta, esqueci o metrô e voltei em direção a ele.

- Mudou de ideia amigo? Vai comprar alguma coisinha?

- Não. Mas fui com a sua cara. Aceita um café?

Entramos naqueles bares maravilhosamente espeluncados do Centro. Pilhas de garrafas jurássicas adornando o ambiente até o teto quase, o velho ventilador azul claro, azulejos antigos e, claro, mesas de lata vermelha e distintivo do Corinthians na parede.

- Esse boteco é do tempo que aqui tinha o prédio Mendes Caldeira, quando eu ainda vendia cartela de loteria e Jogo do Bicho só. Nem metrô tinha.

- Faz tempo hein amigo. Mas me diz aí, por que seu te chamam de Cruz de Ouro?

- Ouro você deve ter notado, Cruz é meu sobrenome. Meu nome não digo porque é muito feio. Mas vem cá, o que você quer? – falou desconfiado

- Queria papear, achei você uma personagem interessante.

Provavelmente já passou dos 70 e ainda está por aqui nesse negócio escuso...

- 70 só de Praça da Sé. Tenho 82 anos e olha só, meu jovem, não estou a fim de ser entrevistado, sabatinado, ou seja lá o que for. Vocês que têm um pouquinho de dinheiro se acham no direito de ficar aí posando de vingador social querendo levantar histórias, fazer um draminha, pra ver se alivia a culpa de vocês.

- Poxa Cruz, nada disso...

- Rapaz, quando seu pai nem sonhava em conhecer a sua mãe (aqui acho que ele queria dizer outra coisa) eu já estava aqui. Encarando sol, chuva, hostilidade, briga, bêbado, drogado. Iguais a você, arautos justiceiros que vão mudar o mundo já passaram milhares. Isso se você não for jornalista ou policial de fora disfarçado.

- Não, não sou nada disso. Mas pelo jeito você já foi em cana né?

- Opa! Claro. Até pro DOPS eu já fui. Sabe como é, uma vez dá pra molhar a mão, outra nem sempre dá. Mas agora não vou mais não. Tem os facilitadores, é tudo demarcado por área. É tudo gente fina.

Um deles é aquele ali do balcão, aliás –

Me apontando um carrancudo homem fingindo que bebia cerveja e me encarava.

- Não aponta não, deixa o cara lá.

- Fica frio que não pega nada, ele está pensando que estamos negociando alguma coisinha.

- Seu Cruz, não vou tomar mais o seu tempo não, sabe? Eu realmente estou com boas intenções, queria te ajudar de alguma forma, mas você está com os dois pés atrás. É normal, eu entendo. Mas olha, desejo do fundo do coração que o senhor aproveite sua vida, vá descansar, aproveitar os netos.

- Não tenho netos e nem ninguém, cavalheiro. Estou vivendo essa vida como um passarinho. Não sabe o que faz, mas já que está aqui, dança conforme a música.

- Quando eu tiver de passagem pelo Centro eu posso vir bater um papo com o senhor?

Virei o copo de pingado, paguei a conta, dei a mão pro velho trambiqueiro e fui embora voltando pra minha vida fútil. Fone colado no ouvido, celular na mão monitorando redes sociais e pensando em tudo que aquele homem viu e viveu ali naquela praça, naquelas ruas. Hostilidade, mudanças, decadência e morte.

No fundo, ele tem razão. A gente vive meio por viver mesmo e encontros com pessoas como o Cruz de Ouro (que por sinal sumiu) é que às vezes dão algum significado.

São fases, meu bem - Poesia

(9/2/2017)

Calma que a tormenta não dura pra sempre
A tempestade é cinza, pesada e forte, mas não duradoura.
Momento de não abandonar os sonhos
Não cair em desgraça
Não se dar por vencido

Você vai querer sumir
Vai se sentir um fracasso
Vai fazer as coisas mais idiotas
Se degradar, se humilhar e se recompor

Depois virá um sopro qualquer de esperança
Essa maldita que quase nunca morre
Agarrar a ilusão
Tentar transformá-la em realidade

Não surta, não
Não se desespere, não
Aguenta o tranco.
Faça a travessia

.

São fases, meu bem

Apenas fases e elas passam.

Mal de Escorpião - Poesia

(13/1/2017)

Ela me pediu uma vida de rainha e eu só posso lhe dar aventuras
Bêbados ao amanhecer, sol na cara, sonhos jogados e um vívido
teste de sobrevivência

Oh, grande ingenuidade juvenil fora de época!

Aí me desce a realidade e o que pretendo

Onde estou, pra onde quero ir e como fazer para chegar lá Um
beijo lânguido, o amanhã em suspense

O instante mal aproveitado

Trabalho corrido em todos os dias

Bolsos cheios de papéis que não me servem

Faço promessas que nunca serão cumpridas

Alguns me veem como um ídolo outros um alvo eterno

Como um detetive, vivo à procura de rastro

Um indício mínimo de sucesso

De fracasso e de vitória

Acho qualquer coisa nesse olhar devorador

Mas para quê resmungar?

Domingo tem a santíssima trindade do descanso semanal Um
feriado vez em quando a nos iludir

E um soco no estômago para não se acostumar

Quando meu coração está calmo

É sinal de que devo ficar preocupado

O imprevisível faz parte do meu ser

Mal de geração, mal de escorpião.

Precisamos fazer uma autocrítica sobre a forma que tratamos Pelé - Artigo (2/12/2017)

A foto registrada na última sexta-feira (1/12) em Moscou, na Rússia, durante o sorteio dos grupos da Copa do Mundo do ano que vem viralizou facilmente planeta afora. Nela temos Vladimir Putin, mandatário russo e o argentino Diego Armando Maradona, entre outros, acarinhando Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, maior jogador de futebol da história e brasileiro mais famoso do mundo.

Compartilhada em massa em sites, fanpages e mídias diversas, a fotografia que mostra o Rei do Futebol, 77 anos, com saúde debilitada e em cadeira de rodas foi acometida de enxurrada de comentários odiosos contra o ex-jogador com ofensas pesadas e sem muita argumentação lógica.

Um caso clássico de massa de manobra. Antes de irmos à reflexão, devo dizer que não concordo 100% com tudo que o mineiro de Três Corações fez e faz, pelo contrário,

mas isso não me impede de achar que Pelé é subvalorizado completamente pelos brasileiros que se agarram a argumentos hipócritas e pílios para destilar ódio ao ex-camisa 10 da Seleção. Vamos lá.

O principal argumento dos detratores do Rei é a de que é um “crápula” que não reconheceu uma filha biológica. Sandra Regina Arantes do Nascimento, com quem travou batalha jurídica ferrenha e foi derrotado. O teste de DNA provou que ela era sua filha e mesmo assim Pelé nunca se aproximou dela. Sandra faleceu em 2006 aos 42 anos de câncer sem ter tido contato com seu pai.

É um ato que beira a crueldade? É. É um feito que chamoscou muito sua imagem? Sim. Entretanto, é um fato da vida pessoal do ex-jogador. Não devemos nos intrometer, ou temos procuração para fiscalizarmos e virarmos guardiões da vida dos outros? É hipocrisia! Afinal, alguns dessa turma que detratam com tanta moralidade alguém que não conhecem pessoalmente provavelmente são amigos ou tem familiares de pessoas que fazem coisas iguais ou semelhantes como ter amantes, bater na mulher,

cometem pequenos atos de corrupção, entre outras picaretagens, e, no entanto frequentam casa, tomam cerveja juntos, entre outras coisas. E aí? Como fica?

Esse argumento utilizado pelos brasileiros de não reconhecimento da filha é apenas uma cortina de fumaça para um motivo bem mais triste e intrínseco: não gostam de Pelé porque no Brasil fazer sucesso é ofensivo.

Somos um povo que sempre foi subjugado. Foi a colonização, a fé cristã, a escravidão, a política e todos os demais contextos históricos que nos fizeram ter uma autoestima negativa. Não acreditamos em nós, em nosso potencial, em nosso trabalho e nem em nada que surja aqui. Tudo de fora é melhor, os outros povos são mais civilizados e nos contentamos com migalhas em tudo. É o que Nelson Rodrigues chamou sabiamente de “Complexo de vira-latas”.

Aqui, por força dessa criação da sociedade brasileira, o correto é ser medíocre. O sucesso e o destaque são motivo de críticas, inveja, detração e injúria e não de admiração e exemplo. É aí, na minha opinião, a base dessa ojeriza de muitos de nós a pessoas como Pelé, Roberto Carlos, Renato Aragão e tantos outros.

Soma-se a essa questão enraizada outra tão forte quanto: Edson Arantes é negro. E nós, fomos e somos racistas. Velados, disfarçados em brincadeiras e piadas, mas somos. Isso aumenta ainda mais esse asco.

Outro argumento proferido entre os que não gostam do ex-jogador do Santos e do Cosmos é a de que ele não se posicionou sobre o governo militar (1964-1985) e ao fazer o milésimo gol em 1969 dedicou “às criancinhas”. Concordo. Ele poderia usar seu poder de mídia para, senão denunciar ao mundo as barbáries dos generais, levantar a bandeira do fim do preconceito, talvez. Preferiu lavar as mãos. Como tantos outros “heróis” daquela época e como mais de 80% do povo brasileiro desses tempos idos que adoravam Médici e sua turma no auge do Milagre Econômico. Meus e seus avós provavelmente incluídos nessa. Mais uma vez pegamos os argumentos pela hipocrisia.

Pelé é o brasileiro mais conhecido do Planeta Terra. Talvez sempre seja. Maior jogador de futebol da história. Talvez sempre seja. É uma instituição nacional e como tal tem defeitos, erros e características bem peculiares. É um espelho de uma nação sem identidade, carente de heróis e autodestrutiva em certos pontos. Talvez sempre sejamos assim.

Mas que tal contrariarmos essa lógica de só reconhecermos as pessoas depois que elas morrem, de não termos orgulho de nada produzido aqui, relevar os erros (e assim relevarmos os nossos também) e acertarmos os ponteiros com o eterno camisa 10 da seleção brasileira?

Caetaneando - Poesia

(27/2/2018)

(Uma ousada e humilde homenagem a Caetano Veloso)

Coloquei um disco do Caetano pra tocar na vitrola e logo a canção me fez lembrar uma frase dele que escrevi pra ela “Que a tigresa possa mais que o leão”.

Obviamente a tigresa é ela e o leão também. Na deliciosa e cruel complexidade. É tigresa, leão, gata e camaleoa, mas não me raptou. Ao nosso estranho amor, faço um brinde.

E pra mim pouco importa isso quando embarco no trem das cores que seguem pelos trilhos urbanos e paradoxalmente me remetem a um lugar que eu não estou que queria estar e que não tem nada de cidade. Não vivo preso na cela de uma cadeia e nem nos fuscas nos sinais vermelhos, porque nasci bicho solto e sou gente feliz, portanto me transporto numa paisagem mais azul, mais calma, mais alegre.

Vou caminhando no sol e conhecendo a piscina. Nesse meio tempo, ele me deu um beijo na boca e aí eu começo a achar que sou muito romântico, que deixo fluir mesmo que diga que moro na filosofia e de noite na cama eu fico pensando. Penso, mas vou transando todas sem perder o tom.

O disco vai tocando e eu até hoje não sei se me amarro em dinheiro ou não, se tudo é joia rara ou não e se eu publico esse texto pobre ou não.

Esse arranjo de palavras está muito fraco, é citação de música atrás de citação sem uma costura aparente e com dose de caos. É proposital mesmo assim pra mostrar o quão belo é o poeta e quanto limitado eu sou.

É da cor do azeviche e da luz do sol. Tem pulgas e é na geral. Tem fome e não tem querer. Apenas a matéria tão fina. You don't know me, send me a letter.

Tenho certo prazer em ouvir o poema naquela versão do alheio e puro porta voz real do Brasil que gritava em 1971 que “tudo ia mal e tudo estava certo como dois e dois são cinco”.

Era preciso estar atento e forte, mesmo com toda Brahma e todo sistema. You don't know me at all, please send me a letter.

Eu sou louco, você é massa. Não importa se é de manhã, de madrugada, um funk melódico, uma bossa-nova foda ou tantos trios elétricos de carnavais.

O disco está acabando e eu vou acabar ficando por aqui. Sem queixa, sem desespero, sem grilo de mim. Finda à tarde, superbacana num momento de amor à beira mar na América do Sul.

Tiro a agulha do sulco. Guardo o disco. Contemplo qualquer coisa. Uma risada talvez. Olho pro céu, ela se engancha por cima de mim: quem sou eu? Não sei!

A Nova Comunicação Presidencial - Artigo

(14/1/2019)

Como toda ciência humana, a comunicação também está em constante transformação e mutação, gerando novos desafios aos profissionais da área, público e seus emissores.

Atualmente no país, por exemplo, estamos passando por mais um desses processos com o governo do presidente Jair Bolsonaro e sua predileção quase que exclusiva em utilizar as redes sociais como canais oficiais de comunicação com a população. É claro que a influência dessas mídias vem se tornando mais forte dia após dia graças a fatores como: velocidade de proliferação (a chamada viralização), o custo baixíssimo se comparado com os meios tradicionais e o número cada vez maior de pessoas ligadas fulltime nas redes, recebendo e compartilhando informações.

Entretanto, desde sua popularização elas sempre foram vistas como acessórias e complementares à mídia tradicional em todas as esferas de governo. Pela primeira vez, a equação se inverteu no Brasil

(nos EUA, o presidente Donald Trump já faz isso desde sua eleição em 2016), demandando reciclagem e preparo dos agentes públicos e comunicólogos para enfrentar o desafio e um novo perfil de consumidor.

O primeiro grande desafio é para os atores políticos, que necessitam do contato direto com a população. Como se portar? Não há um padrão pré-estabelecido, mas há algumas premissas básicas para ter êxito na comunicação. É entender o seu público, suas características e suas demandas. Além da interatividade, claro e não ser somente um mero produtor de conteúdo. É necessário ter o que mostrar.

Para nós, profissionais de comunicação, a nova era também surpreende e nos leva à reflexão das teorias clássicas da área e de antigos padrões estéticos e normativos nos levando à atualização, absorvendo pontos do marketing como SEO (Search Engine Optimization) e também novos estilos e formas (uma Live do Facebook atualmente atrai repercussão e audiência instantânea, concorrência desleal com veículos impressos, por exemplo)

No meio dessas mudanças todas está o público e sua riqueza de características. Seu comportamento deve ser aferido e estudado minuciosamente a fim de buscar os melhores resultados. A ele (ou melhor a nós) cabe o senso crítico e a filtragem necessária para repelir boatos e as famigeradas fake news, eis aí o grande desafio de todos nós.

Postas essas argumentações, cabem algumas provocações ao leitor: estamos preparados enquanto sociedade para essa mudança brusca de rota? A nova política de comunicação do Governo Federal terá efeito cascata e será permanente? Ou estamos apenas diante de uma nuvem passageira?

Uma coisa é certa: o novo cenário exige muito mais de todos nós.
